

# O século do uniforme: espartilho, padronização e individualização do corpo feminino

*The century of the uniform: corset, standardization and individualization of the female body*

Priscila Nina<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6288-8904>

[resumo] O espartilho foi objeto de uma nova experiência feminina, vinculada à modernidade. Entre o final do século XIX e início do século XX, o espartilho circulava no corpo de mulheres, era exibido em lojas, vitrines e ateliês de costura, divulgado em anúncios publicitários e revistas ilustradas. Neste período, a proliferação dos discursos sobre a moda e as mudanças periódicas no vestuário tiveram forte apelo entre as mulheres. Ao mesmo tempo, a produção em massa de espartilhos alterou as relações entre clientes e vendedoras e transformou as experiências de consumo. Assim, a partir da análise deste objeto, discutiremos temas relacionados à padronização do corpo feminino, à pseudoindividualização, à intimidade e às tensões entre indivíduo e sociedade de massas.

[palavras-chave] **Espartilho. Cultura material. Gênero. Corpo. História do Brasil.**

[abstract] The corset was an object of a new feminine experience that is related to modernity. Between the end of the 19th century and the beginning of the 20th, the corset circulated in women's bodies, was displayed in stores and shop windows, and was advertised in illustrated magazines. The proliferation of discourses about fashion and periodic changes in clothing had a strong appeal among women. At the same time, the mass production of corsets altered relationships between customers and saleswomen and transformed consumer experiences. Thus, based on the analysis of the corset, we will discuss topics related to the standardization of the female body, pseudo-individualization, intimacy, and tensions between the individual and mass society.

[keywords] **Corset. Material Culture. Genre. Body. History of Brazil.**

Recebido em: 06-11-2023

Aprovado em: 11-03-2024

---

<sup>1</sup> Pós-doutora pelo Museu Paulista da USP, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) – bolsa Fapesp (Processo no 2016/24145-6); mestre em Artes pela King's College London (Universidade de Londres). Desenvolve pesquisa nas áreas de cultura material, gênero, corpo e moda.

## Introdução

“O século do uniforme” é o título de um artigo publicado pela cronista Isabel de Palencia na Revista da Semana, em janeiro de 1928. Para Palencia,

Ha muitas pessôas que não dão ao vestuario a importancia que lhe é devida como reflexo dos costumes e do sentimento da sua época; [...] não só no que se refere ao gosto esthetico e á moral como quanto ao conhecimento das forças e possibilidades do individuo. Nas modas antigas encontramos provas hoje do que foi o passado [...] sem a reivindicação dos direitos femininos, conseguida em alguns países e em via de ser conseguida em outros, talvez vestissemos ainda o rígido espartilho [...] se não houvesse forçado a entrada nas aulas universitarias e aprendido os principios elementares da hygiene, é possível que continuássemos a recolher com a cauda todo o pó da rua (Palencia, 1928).

Palencia relaciona as mudanças no vestuário com as transformações nos valores estéticos e morais de uma época, com ênfase no papel e nas possibilidades dos indivíduos. Para ela, o “rígido espartilho” seria expressão “da escravidão em que vivia a mulher”, e a luta pelos direitos femininos teria sido fundamental para a adoção de roupas íntimas mais cômodas. Apesar de reconhecer os avanços do mundo moderno, expressos no próprio vestuário feminino, a cronista chama atenção para “um perigo terrível”:

O perigo a que me refiro é o da uniformidade. Poderá haver algo de mais deprimente, de mais contrario às aspirações de toda a pessôa que raciocina do que vêr-se obrigada a imitar, cégamente, não só o genero de vida, mas até o aspecto dos outros mortaes? [...] O individuo vê-se absorvido pela collectividade e, se até aqui se respeitou o mais intimo e pessoal de cada sêr, ou sejam o seu gosto e a sua apparencia, é de temer que, á medida que caminhamos, também nisso sejamos obrigados a claudicar (Palencia, 1928).

Para ela, a imitação e a uniformidade seriam os grandes riscos dos tempos modernos, uma ameaça àquilo que cada um tem de mais íntimo: suas aspirações, seu gosto e sua aparência. Assim, a cronista contrapõe uma coletividade padronizada, que se manifesta na crescente adoção dos uniformes (Figura 1), à intimidade centrada na imagem pessoal e singular.

FIGURA 1 – FOTOGRAFIAS DE MULHERES EM UNIFORMES ILUSTRAM O TEXTO DE ISABEL DE PALENCIA



Fonte: *Revista da Semana*, n. 5, 21 jan. 1928.

Não era a primeira vez que o avanço da modernização era percebido pelos contemporâneos a partir das preocupações em relação à intimidade, à moda e ao corpo feminino. Em 1898, Baroneza Staffe, em uma crônica publicada na revista *A Estação*, temia a perda de um “grao de intimidade” imposta pela aceleração da vida moderna:

Os novos hábitos de vida que contrahimos nos fizeram perder, como tantas outras graças que possuíam nossos avôs, a arte um pouco difficil da conversação. [...] para conversar no mundo, é preciso um gráo de intimidade que já não conhecemos. [...] Ninguém falla a seu visinho pois que todos se desconhecem uns aos outros. [...] São tantas as preocupações que tomam o tempo a uma pessoa que é impossível inteiramente uma longa demora em uma casa. Além disso a bicycletta veio quebrar de vez essa possibilidade de reuniões prolongadas. E quem o acreditaria? Os jornaes, os innumeraveis jornaes são talvez os verdadeiros, os únicos destruidores da conversação. Outr’ora havia em cada cidade, mesmo em Paris, algumas pessoas somente, bem informadas de tudo, graças a sua posição social (Staffe, 1898, p. 49).

Para Staffe, o anonimato da vida urbana, a velocidade da bicicleta e a relativa democratização do acesso a jornais teriam destruído as possibilidades de uma conversação

prolongada, impondo outro ritmo ao deslocamento e oferecendo fontes de informação que, “outr’ora”, eram privilégio de uns poucos esclarecidos.

A ansiedade e as expectativas em torno das mudanças da moda, do ritmo cotidiano, da emancipação feminina e dos novos estímulos urbanos se expressavam nas páginas das revistas ilustradas de maneiras diversas, indicando as dificuldades dos indivíduos em assimilar essas transformações. Como explica Nicolau Sevcenko sobre o acelerado desenvolvimento urbano paulista, foi “em torno de 1919-1920 que [...] a imprensa suscita e repercute, ao mesmo tempo, a imagem de São Paulo como uma das grandes metrópoles do mundo, com um ritmo prodigioso de crescimento e potencialidades incalculáveis de progressão futura” (Sevcenko, 2009, p. 36-37).

As metrópoles emergentes eram “um fenômeno surpreendente para todos, tanto espacialmente, por sua escala e heterogeneidade, quanto temporalmente, tão absoluta era a sua ruptura com o passado recente” (Sevcenko, 2009, p. 40). No caso brasileiro,

Afora uma inexpressiva minoria que desfrutava o raro privilégio das viagens internacionais, a maciça maioria da população ignorava por completo a experiência de viver numa metrópole, até o momento em que foi inadvertidamente envolvida numa. Tanto a forma histórica da metrópole quanto as moderníssimas tecnologias implicadas nela para transporte, comunicações, produção, consumo e lazer, a experiência mesma de assumir uma existência coletiva inconsciente, como “massa urbana”, imposta por essas tecnologias, se abateram como uma circunstância imprevista para os contingentes engolfados na metropolização de São Paulo. Todas essas condições se impuseram mais rápido do que eles pudessem assimilar, sob uma irresistível pressão internacional, tão vasta para ser compreendida, quanto mínima fora a possibilidade de transmissão de novas atitudes no curto espaço de cerca de duas gerações (Sevcenko, 2009, p. 40).

A modernização acelerada que culminou no desenvolvimento das metrópoles implicou a desestabilização de sistemas de crenças e modos de vida tradicionais, lançando homens e mulheres ao desconhecido<sup>2</sup>. Esse desconhecimento não envolveu apenas o mundo público, das ruas, do cinema e dos parques, mas também conformou a descoberta daquilo de “mais íntimo e pessoal de cada ser” (Revista da Semana, 1928).

Nesse contexto, desde o final do século XIX, o uso do espartilho rendia discussões acaloradas e artigos contundentes na imprensa brasileira e internacional<sup>3</sup>. A polêmica entre

---

<sup>2</sup> Sobre o processo de modernização, ver: SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p 115-148. Sobre As ambiguidades, contradições e peculiaridades da modernidade brasileira, ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. População e sociedade. In: \_\_\_\_\_ (org.). A Abertura para o Mundo: 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a. v. III, p. 35-83; CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>3</sup> Este artigo tem como foco o uso e difusão do espartilho para o público feminino. Entretanto, existiam modelos de espartilhos para o público infantil (meninas e adolescentes) e masculino (voltados para correção de problemas de postura ou de saúde).

aqueles que defendiam a peça e os que argumentavam por sua abolição se insere no contexto das transformações dos hábitos cotidianos e da vida urbana. O debate em torno do uso do espartilho, a reprodução de imagens de mulheres com *lingerie*, a diversificação dos modelos de roupas íntimas, a criação de diferentes tamanhos e a especialização das roupas (para prática esportiva, para passeio, para casa, etc.) provocaram novas percepções e apreensões relacionadas ao corpo e ao lugar do indivíduo em uma sociedade cada vez mais complexa.

Ao mesmo tempo que a proliferação dos discursos sobre moda e as mudanças periódicas no vestuário tiveram forte apelo entre as mulheres, a produção em larga escala transformou a experiência e as possibilidades de compra, tanto para as consumidoras quanto para as vendedoras de lojas do setor. Esse processo também contribuiu para exacerbar as diferenciações étnicas e de classe.

Neste artigo, discutiremos temas relativos às tensões entre indivíduo e sociedade de massas na construção da noção de intimidade burguesa e ao surgimento de novas possibilidades de compreensão sobre o corpo da mulher, com foco no uso do espartilho. Como veremos, o espartilho foi um dos primeiros itens no vestuário a ser produzido em tamanhos e, com isso, incentivou as mulheres a identificar supostos padrões e incorporar as tipologias corporais como um elemento constituinte da sua subjetividade.

Do ponto de vista documental, circunscrevemos os materiais analisados às principais revistas ilustradas brasileiras em circulação entre 1889 e 1929<sup>4</sup>, que incluem ilustrações, anúncios publicitários, colunas de moda, artigos médicos, etc. Nesse levantamento, realizamos uma pesquisa por palavras-chave e selecionamos as ocorrências relacionadas ao uso espartilho. Também investigamos fotografias de época, pinturas e gravuras brasileiras e europeias.

Trata-se de uma documentação bastante heterogênea, na qual os discursos sobre o espartilho são apresentados de formas diversas. Por conseguinte, no que se refere à análise das fontes, fez-se necessário determinar onde e como os objetos eram representados. Durante a pesquisa, estivemos atentas tanto à forma quanto ao conteúdo, buscando os pontos mais pertinentes da informação material, visual e textual – ou seja, suas implicações em relação aos atributos associados à mulher, incluindo as descrições e características do espartilho, as preocupações em torno do corpo e as percepções sobre a modernidade.

No que se refere aos pressupostos teóricos, compreendemos as relações entre corpo, espartilho e modernidade na perspectiva da cultura material. Pioneiramente, no Brasil, Ulpiano Bezerra de Meneses identifica a materialidade como vetor da vida social (Meneses, 1980). Em seu texto *Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual*, Meneses destaca a importância da cultura material para o historiador, que deve ter em mente que seu objetivo é a compreensão de aspectos da sociedade em sua transformação (Meneses, 2003). Para isso, é preciso formular problemas históricos a serem encaminhados a partir da análise das fontes. Segundo ele, é

---

<sup>4</sup> Dentre as quais ressaltamos: *A Estação* (1880-1904), *A Revista da Semana* (1900-1958), *O Malho* (1902-1954), *Fon-Fon* (1907-1958), *Careta* (1908-1960), *A Cigarra* (1914-1956), *Jornal das Moças* (1914-1961), *Revista Feminina* (1914-1936) e *A Vida Doméstica* (1920-1963).

o problema histórico que deve orientar a pesquisa, e não a natureza da fonte; assim, a cultura material é uma das plataformas de observação de uma sociedade. É a partir desse balizamento teórico que buscamos compreender como as interações entre corpo e espartilho, em um mundo burguês em formação, delimitaram a dinâmica e a experiência da intimidade feminina.

## O corpo diferenciado

Desde meados do século XIX, os bons modos ditavam que “Uma senhora de boa sociedade salvo estando doente não se apresenta nunca sem o espartilho” (A Estação, 1889). De modo categórico, as leitoras da revista *A Estação* eram aconselhadas a usar o espartilho em todas as ocasiões sociais e encorajadas a considerá-lo uma adjunção necessária ao corpo. Assim, o uso do espartilho comportava uma zona de fronteira entre a experiência pública e as expectativas privadas.

A delicadeza e a ornamentação dos materiais externos (apesar da existência de modelos mais simples e pouco adornados) e o modo como modelava o corpo indicam que o espartilho era uma vestimenta notavelmente pública. A peça em si não deveria ser vista por ninguém, exceto nas situações mais privadas, mas sua ação no corpo deveria ser percebida publicamente, servindo mais ao olhar externo do que ao deleite da própria usuária, que sentia (na pele) os efeitos do espartilho e construía sua consciência corporal em torno dele.

Desse modo, a rigidez interna do espartilho conduzia a mulher a uma percepção tátil e interiorizada de rigor e firmeza, contribuindo para a construção de uma consciência de si pautada pela fixidez. Já a atração visual do espartilho era orientada para uma percepção externa, direcionada ao olhar de outrem. Por isso, podemos afirmar que o espartilho se relaciona tanto com a privacidade da usuária quanto com sua persona pública, isto é, com a imagem relacional que ela deseja construir. Em outras palavras, ele adequa o corpo feminino ao convívio social e, ao mesmo tempo, molda as expectativas e percepções de si.

Essa dupla atuação do espartilho teve implicações também para uma articulação, típica de uma sociedade de massas em formação, entre a padronização de comportamentos e valores (necessária para a produção industrial em escala) e a ideia de individualização (imprescindível para que o gosto padronizado apareça sob medida para cada corpo).

Em uma gravura da série “Emotions Parisiennes” (Figura 2), de Honoré Daumier, um homem observa uma vitrine com quatro espartilhos em diferentes modelos e tamanhos. Ele comenta consigo mesmo: “Quão único! Eu tive quatro silhuetas, exatamente como essas na minha vida; Fifine foi a primeira! Cocotte, aquela aproveitadora da Cocotte! A grande Mimi, e minha esposa ali no canto” (Daumier, 1840)<sup>5</sup>. Os espartilhos expostos em “corpos invisíveis” servem, na cena da gravura, para que o sujeito identifique suas amantes a partir das silhuetas projetadas.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa para: “C’est unique! j’ai pris quatre tailles, juste comme celles là dans ma vie; Fifine ma première! Cocotte, cette geuse de Cocotte! la grande Mimi, et mon épouse là haut dans le coin.”

FIGURA 2 - *C'EST UNIQUE! J'AI PRIS QUATRE TAILLES...*, DA SÉRIE "ÉMOTIONS PARISIENNES",  
PUBLICADA EM *LE CHARIVARI*, 1840 (LITOGRAFIA COLORIDA, HONORÉ DAUMIER)



Fonte: Metropolitan Museum of Art (NY).

Na gravura, o espartilho aparece como um substituto do corpo feminino, que Daumier relaciona a corpos particulares, que expressariam os defeitos e as idiossincrasias das mulheres da vida do transeunte (Steele, 2011, p. 46). Quando observamos a diversificação dos modelos e dos tamanhos de espartilhos, verificada desde o final do século XIX, percebemos que a ideia de diferenciação (de modelos distintos para corpos e gostos femininos diversos) competia com a noção de padronização. Ao mesmo tempo que o uso do espartilho se apresentou como um impulso para a homogeneização da silhueta, também respondeu ao crescente apelo para a individualização do consumo.

Surgem espartilhos “próprio[s] para sport”, para o “período da maternidade”, “colletes por medida” (O Malho, 1908), modelos Sylphide, Eflatéa, Faustine, Lydia, Clymène, Lutecia, Traviada (O Malho, 1911). A categorização e a diversificação do espartilho correspondiam à identificação e à classificação dos corpos e “tipos” femininos: “mocinhas”, “senhoras

maduras”, “senhoras robustas”, “magras e esbeltas”, de “proporções regulares”, “pessoas de proporções medianas”, “pessoas corpulentas” (Figura 3). Com as variações de tecidos, cores, preços e modelos, a atenção às medições e ao encaixe do espartilho no corpo se tornava um dos mais importantes aspectos do ramo da espartilharia.

FIGURA 3 - CATEGORIZAÇÃO DO ESPARTILHO SEGUNDO PADRÕES FÍSICOS

*Revista da Seman.*



*Jornal das Famílias*

|    |  |      |
|----|--|------|
| N. | Modas, Costumes e bordados, A vida no Lar, Receitas e Conselhos praticos, Economia | 9    |
| 67 | Domestica, Hygiene de Belleza, Alimentação   | 12   |
|    |  | 1916 |

### Os novos espartilhos



*Espartilho para meninas.*

dical se operou nas linhas dos actuaes espartilhos.  
E parece que estes e os vestidos se combinaram para attenderem um tanto mais aos conselhos dos higienistas.  
O actual pode-se dividir em tres categorias: preventivo, regulador e correctivo. Na primeira devem ser postos os das meninas porque lhes permite toda a liberdade em se desenvolverem, dando-lhe um bom estado completo, obstando a uma gordura precoce que mais tar-

de tanto custa a reduzir. Em geral, não o deviam usara ntes dos 14 ou 15 annos. Em todo o caso, se ha tendencia para engordar, ou se o crescimento é fóra do normal, e se se apresenta magra, fraca, ou se se curva, é então p.udente usar espartilho.  
E assim, ao attingir os 18 ou 19 annos, está desenvolvida de todo, e até á idade madura, o papel do



*Espartilho para senhorinha magra e esbelta.*

espartilho é o de regulador.  
O correctivo serve para a senhora que perder as fórmias por desleixo ou porque se serviu sempre d'um mau espartilho. Este deve ter as barbas fortes, o que auxilia a redução dos tecidos superfluos, o estomago não fica comprimido nem as ancas, e não constringe, porque em certos pontos tem elastico o que permite a facilidade de movimentos.  
E recommenda-se que o ataquem na frente, para diminuir o abdomen.



*Espartilho para pessoa de regulares proporções.*



*O novo espartilho para senhoras robustas.*

Fonte: Revista da Semana, n. 44, 9 dez. 1916.

Sob a influência de argumentos científicistas, os fabricantes de espartilho expandiram suas estratégias de *marketing*, com foco no caimento e na modelagem da peça. Essa ligação do espartilho com a ciência existe desde o século XIX, quando argumentos médicos começaram a ser usados para promover ou banir o uso do espartilho<sup>6</sup>. No início do século XX, os modelos *devant-droit* ou em “S” exigiam, na maior parte dos casos, ajustes específicos para cada corpo. Como resultado, nos Estados Unidos, as lojas passaram a acrescentar provedores às suas instalações.

Em 1925, Bertha A. Strickler, da norte-americana Modart Corset Company, publicou *Os princípios científicos do ajuste do espartilho*, em que afirmava que as mudanças na produção do espartilho exigiam um novo nível de especialização e de treinamento por parte de fabricantes, costureiras e vendedoras (Fields, 2007, p. 63). Para ela, a prática de comprar espartilhos sem a necessidade de experimentá-los ou ajustá-los era mais comum quando os modelos eram mais curtos e tinham como principal propósito a compressão da cintura. Com o surgimento dos espartilhos mais longos, que seriam “cientificamente desenvolvidos”, os ajustes e o caimento passariam a seguir padrões igualmente “científicos”<sup>7</sup>.

A percepção do uso do espartilho como uma ciência se amparava nas crenças e no conhecimento das práticas da gestão científica. Para Fields, ao adotar ideologias científicistas (interessadas nas medições, nas classificações do corpo, na criação de tamanhos, etc.), os fabricantes transformaram as experiências de vendedoras e consumidoras, o modo como compravam, vendiam e vestiam seus espartilhos. Assim, “os corpos das mulheres foram literalmente um veículo de disseminação da ideologia da gestão científica do comércio ao lar” (Fields, 2007, p. 64)<sup>8</sup>.

Nesse contexto, a intimidade, amparada pelo uso do espartilho, conectava-se a esse discurso, na medida em que uma infinidade de informações e procedimentos técnicos eram disseminados pelas revistas ilustradas e pelos fabricantes de espartilho, lançando sobre as consumidoras a responsabilidade pelo uso supostamente correto da peça, pela identificação do “seu padrão” corporal. Despontava, então, uma fresta por onde a ideologia operava na esfera íntima, transformando parâmetros e orientações generalizadas em uma suposta decisão pessoal – para a “sua saúde” e o bem-estar individual.

Nos Estados Unidos, fabricantes de espartilhos passaram a patrocinar ou a desenvolver cursos sobre as práticas de ajuste científico. Os cursos frequentemente abordavam temas relacionados à saúde da mulher e enfatizavam a importância do conhecimento médico para a produção e a venda de espartilhos. Em 1921, a International School of Scientific Corsetry incluía em seu currículo aulas de anatomia, medição, publicidade e varejo (Fields, 2007, p. 64). A ideia de que o espartilho deveria se adequar ao corpo, e de que o próprio corpo feminino deveria ser investigado e compreendido em suas particularidades, era expressão da crescente

<sup>6</sup> Cf.: *A Estação*, n. 1, jan. 1896; *Revista da Semana*, n. 366, 19 maio 1907; *Revista da Semana*, n. 403, 2 fev. 1908; *Careta*, n. 260, maio 1913; *Fon-Fon*, n. 3, jan. 1911.

<sup>7</sup> Essa “cientificidade” se relacionava às práticas de medição e estudo anatômico do corpo. O espartilho, nesse sentido, deveria melhor se adaptar ao tamanho do quadril, das coxas e da cintura de cada mulher.

<sup>8</sup> Tradução nossa para: “women’s bodies were literally the vehicle for shifting scientific management ideologies from the workplace to the marketplace and the home”.

importância dada ao indivíduo e à noção de intimidade, que incluía o cuidado com a saúde e a adesão aos princípios médicos<sup>9</sup>.

FIGURA 4 – AS VARIEDADES DE COLETES E SUAS DENOMINAÇÕES



**ULTIMAS CREAÇÕES**  
DE  
**M. me Garnier**  
**COLLETES DEVANT-DROIT - MODELO 1907**

Os mais bellos, elegantes e graciosos colletes do mundo!  
Os unicos colletes preferidos pelas elegantes de todos os paizes.  
Importação privilegiada para todo o Brazil, do conhecido estabelecimento de **FAZENDAS PRETAS.**

**76 RUA URUGUAYANA 76**

**Tabella especial de preços**

|   |                 |
|---|-----------------|
| <b>Ivette</b> , interessante collete para <i>demoiselles</i> , com duas ligas a.....                    | <b>20\$000</b>  |
| <b>Fidèle</b> , magnifica cintura em ruban de cores, com duas ligas.....                                | <b>20\$000</b>  |
| <b>Marquis</b> , colleta sem rival, em coutil asselinado com duas ligas.....                            | <b>22\$000</b>  |
| <b>Talisman</b> , gracioso collete de una suavidade extrema, com quatro ligas..                         | <b>45\$000</b>  |
| <b>Aiglon</b> , vaporoso collete em broderie inglesa, com 4 ligas de seda.....                          | <b>50\$000</b>  |
| <b>Maria Antoinette</b> , ideal collete, o <i>non plus ultra</i> do chic, com quatro ligas de seda..... | <b>60\$000</b>  |
| <b>Seduisant</b> , delicadissimo collete, que acaba de obter o 1° premio na exposiçao de Milão.....     | <b>70\$000</b>  |
| <b>Rosemonde</b> , elegantissimo collete de seda pompadour, com quatro ligas..                          | <b>100\$000</b> |

Os maravilhosos colletes de MME. GARNIER realizam hoje no mundo inteiro o— ideal dos colletes. Elles satisfazem completamente a todos os desejos do «eterno feminino». Confeccionados exactamente conforme os principios de uma anatomia severa, os colletes de MME. GARNIER educam e modificam o corpo das senhoras, pondo em relevo as suas belezas naturaes. Empregadas especiaes para provas a domicilio.

Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 242, 1907.

Fabricantes, vendedoras e consumidoras deveriam, portanto, desenvolver conhecimentos sobre o corpo, sempre amparadas pela ciência. As vendedoras eram instruídas a ajudar suas clientes na seleção de produtos, já que “o pior erro possível era vender a uma mulher um espartilho que não fosse feito para seu tipo físico” (Fields, 2007, p. 65)<sup>10</sup>. No Brasil, as propagandas de espartilhos passaram a divulgar uma maior variedade de modelos desde os anos 1900. Em 1907, Mme. Garnier (Figura 4) adotava nomes de mulheres ou palavras que envolviam algum tipo de desejo erótico (como talismã ou sedução) para divulgar suas variedades de coletes. Na década de 1910, verificamos uma explosão dos modelos de

<sup>9</sup> Sobre o disciplinamento dos corpos e do (auto) controle em torno do sujeito, de seus desejos e condutas, cf.: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 91-125.

<sup>10</sup> Tradução nossa para: “It is the worst possible mistake to sell a woman a corset that is not designed for her figure”.

espartilhos (e, em menor grau, de cintas e *soutien-gorges*) a partir da multiplicação de lojas e fabricantes, além do aumento da importação de espartilhos norte-americanos, em especial das empresas Royal Worcester Corset Company e Bon Ton.

### O corpo precificado

Nos anúncios publicitários, os preços dos espartilhos passaram a ser mais amplamente divulgados na primeira década do século XX e a diversidade de modelos acompanhava a variedade de valores, que, em geral, oscilavam entre 20\$000 e 150\$000, dependendo do tipo de tecido, do formato e do fabricante. Os importados eram, em sua maioria, mais baratos que os nacionais, provavelmente porque a produção em larga escala norte-americana reduzia o custo do produto final. Os novos *soutien-gorges*<sup>11</sup> eram anunciados com os espartilhos, e os valores variavam de 6\$000 a 55\$000. É possível que o custo reduzido dessas peças tenha colaborado para sua difusão, especialmente no final da década de 1910 e nos anos 1920.

Apesar dos inúmeros problemas presentes nos centros urbanos (moradias precárias, falta de atendimento médico, valor elevado dos bens de consumo, analfabetismo, etc.), que atingiam uma grande parcela da população, as novas ofertas de trabalho ampliavam as possibilidades de consumo feminino. No caso do espartilho, os custos de produtos bem-acabados e de marcas qualificadas, como aqueles anunciados nas páginas das revistas, poderiam ser bastante altos, mas, além da grande variedade de preços e produtos, existia um mercado de imitações (como evidenciado pelo número de anúncios que chamavam atenção para as contrafações), cujos valores seriam, muito provavelmente, mais acessíveis<sup>12</sup>.

A partir de dados presentes em um jornal operário, Besse estima que, em 1925, um pequeno comerciante típico tinha um lucro mensal de 350\$000 e gastava 129\$000 com as despesas básicas (aluguel, alimentação, energia elétrica, etc.)<sup>13</sup>. Ele, portanto, teria dificuldades para cobrir os custos de educação dos filhos, assistência médica, diversão e artigos de consumo, e o adicional de sua esposa ou filha solteira, de aproximadamente 250\$000, seria de grande ajuda (Besse, 1999, p. 144). O ganho salarial feminino significaria, então, não apenas que a mulher poderia auxiliar nas despesas da casa, como também que suas possibilidades de consumo aumentariam.

Ainda que as médias salariais tenham variado muito do início do século XX até os anos 1920, é possível estimar que uma mulher de classe média que comprasse um espartilho das marcas anunciadas nas revistas gastasse em torno de 8% de seu salário. Havia

<sup>11</sup>De acordo com Jane Farrell-Beck e Collen Gau, nos Estados Unidos, diversas companhias produziam um tipo de “sustentador de seios” desde os anos 1860, mas, até o início do século XX, apenas um número muito pequeno de mulheres havia adotado a peça, restrita principalmente às reformistas e feministas da época. A partir de 1910, o novo produto tornou-se um negócio em expansão no ramo da lingerie, especialmente no contexto norte-americano. Compostos por uma faixa em torno dos seios, com ou sem barbatanas, e alças apoiadas nos ombros, os chamados *soutien-gorge* eram simples e de mais fácil manutenção se comparados aos espartilhos. Cf. FARRELL-BECK, Jane; GAU, Collen. *Uplift: The Bra in America*. Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 2002, p. 4.

<sup>12</sup>Cf. *A Estação*, Rio de Janeiro, n. 6, mar. 1895, p. 34; *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, n. 12, jun. 1908.

<sup>13</sup>Sobre o custo de vida em São Paulo na década de 1920, ver também: LOBATO, Nathalia. *Estylo chic a preços módicos? Gostos e públicos da loja Mappin Stores em São Paulo, 1913-1920*. 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, especialmente Capítulo 3.

também as pequenas costureiras, que poderiam vender espartilhos por preços mais acessíveis, além das grandes lojas de departamento, que organizavam saldos sazonais (Bonadio, 2007). Nessas ocasiões, os preços dos produtos poderiam cair de maneira significativa.

FIGURA 5 - "MODELO LUIZ XV"



**MODELO LUIZ XV**

Os colletes deste modelo são os melhores em ELEGÂNCIA SOLIDEZ e  
**PREÇOS RASOAVEIS**

Mme. Agner Scherer Gonçalves  
**145 RUA DO OUVIDOR 145**  
Único estabelecimento onde se encontram  
colletes de todos os modelos:  
Collete erect ferm devant droit com ligas... 24\$000  
**BOA OCCASIÃO!**  
Na casa matriz continúa a liquidação de  
colletes, com legittimas batelias desde 5\$, a  
15\$000.  
**VER PARA ORER**  
**Rua Senador Dantas 55-B**

Fonte: *Revista da Semana*, n. 136, 21 dez. 1902.

Em 1902, “colletes com legítimas baleias” (Figura 5) em liquidação eram anunciados por 5\$000 a 15\$000. Modelos importados chegaram a custar 18\$000 em 1912. Em 16 de setembro de 1916, *colletes* que custavam 20\$000 passaram a custar 12\$500. Em 1917, a Casa Sloper divulgou um modelo de *collete* “apropriado para mocinhas de 12 a 16 anos” por “apenas” 14\$000. Com as promoções, não apenas o acesso aos produtos aumentava, como também crescia a própria circulação das mulheres das camadas populares no espaço físico das lojas, ampliando, assim, o contato com a peça, que poderia ser manipulada, examinada e, eventualmente, copiada – muitas mulheres trabalhavam como costureiras ou sabiam costurar, o que significa que também poderiam confeccionar seus próprios espartilhos e sutiãs. Como afirma Bonadio, nas primeiras décadas do século XX,

a aparência feminina ganha maior visibilidade, impulsionando a difusão da cultura da beleza e conferindo à moda caráter primordial, pois é por intermédio da roupa e dos acessórios que as mulheres das elites procurarão marcar sua posição na sociedade e distinguir-se das demais, uma vez que na cidade o acesso ao gosto é público, seja pelas vitrines das lojas, ou pela seção de Marinette [colunista da *Revista Feminina*], que deixava a moda e o bom gosto ao alcance de todas (Bonadio, 2007, p. 45).

Ao mesmo tempo que a necessidade de distinção impulsionava o uso de roupas e acessórios específicos, a difusão de informações sobre novos padrões de beleza tornava-se mais ampla<sup>14</sup>. Nesse contexto, se pensarmos que grande parte da população ainda era analfabeta, podemos inferir que a circulação no espaço público e a crescente participação feminina no mercado de trabalho foram fatores importantes<sup>15</sup>. De acordo com Susan Besse,

na década de 1910, as mulheres de classe média e até de classe alta urbanas estavam cada vez mais participando, juntamente com as mulheres pobres, da mão de obra assalariada. Isso era resultado de uma associação de fatores: (1) a passagem gradativa da produção doméstica para o mercado e o conseqüente declínio do valor econômico do trabalho doméstico das mulheres; (2) a situação econômica precária da crescente classe média urbana, esmagada pelas altas taxas de inflação e pela pressão para consumir os produtos e serviços da economia de mercado que se expandia rapidamente; (3) a procura cada vez maior por funcionárias no setor de serviços; e (4) a adoção pelas próprias mulheres do valor burguês do trabalho, o que promovia seu desejo de maior autossuficiência econômica e realização profissional (Besse, 1999, p. 143)

<sup>14</sup> Sobre os padrões de beleza e o processo de modernização no Brasil, ver: SANT’ANNA, Denise. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

<sup>15</sup> Sobre o significativo crescimento da presença feminina no espaço público nos anos 1920 e o papel central da moda nesse processo, ver: SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo, 1999.

Dessa forma, a demanda por mão de obra, as dificuldades econômicas e a difusão dos valores burgueses foram decisivas para a ampliação da presença das mulheres em novos setores do mercado. Contudo, permanecia a noção de que a força feminina de trabalho era apenas extensão e complemento de seus papéis domésticos. No caso das mulheres pobres, as escolhas eram ainda mais limitadas e pouco atraentes. Além de trabalharem nos serviços domésticos, como cuidadoras dos filhos das classes média e alta, faxineiras e cozinheiras, elas ganhavam seu sustento como costureiras, trabalhando em casa, em pequenas confecções ou em fábricas (Besse, 1999, p. 157).

No Brasil, em 1872, o número de costureiras já ultrapassava a marca dos 500 mil<sup>16</sup>. A participação feminina na indústria têxtil, em especial no setor de vestuário, aumentou de 219 operárias, em 1872, para 331.115, em 1920. Nesse mesmo ano, mais de 3.500 mulheres trabalhavam na área de comunicações e 293.544 trabalhavam como empregadas domésticas<sup>17</sup>.

É provável que as mulheres das elites e das classes médias altas tivessem mais condições de atualizar seus modelos de *lingerie* de acordo com as mudanças da moda, enquanto as demais teriam apenas um ou dois modelos, que usavam durante um longo período. Desse modo, apesar de o consumo de espartilhos e sutiãs estar disponível para mulheres de classes diferentes (e até antagônicas), tratava-se, evidentemente, de um consumo desigual. Os produtos acessíveis às mulheres pobres eram de qualidade inferior e mais sujeitos ao desgaste, por isso o uso de espartilhos era mais comum em ocasiões especiais, como nas idas às missas de domingo, festas de casamento, ou até mesmo ao estúdio fotográfico.

De modo similar, o acesso a informações sobre as novas práticas corporais também era marcado pela desigualdade. Além dos saldos, a entrada das mulheres menos favorecidas nas novas lojas de departamento acontecia por meio do trabalho. Vendedoras, faxineiras e secretárias circulavam por esses espaços e conviviam com os mais diversos produtos e discursos presentes nesses ambientes. As funcionárias responsáveis pelas vendas, em particular, deveriam conhecer os mais diferentes artigos em detalhe, sendo capazes de oferecer informações relevantes sobre uso, especificidades, tipo e funções de cada espartilho ou cosmético, por exemplo.

---

<sup>16</sup> Nos censos de 1872 e 1920, o número de costureiras se enquadra na categoria “indústria”, que inclui produção fabril, produção artesanal e serviços de reparo e manutenção. Cf. BESSE, op. cit., p. 162.

<sup>17</sup> Os dados foram adaptados da Diretoria Geral de Estatísticas do Brasil de 1920. De acordo com Fausto Brito, “em 1920, o Brasil contabilizava uma população de 27,5 milhões de habitantes e contava, apenas, com 74 cidades maiores do que vinte mil habitantes, nas quais residiam 4,6 milhões de pessoas, ou seja, 17% do total da população brasileira. Dos que residiam nas cidades, mais da metade se concentrava na Região Sudeste”. Cf. BRITO, Fausto. Dossiê migração: o deslocamento da população brasileira para as metrópoles. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006.

O trabalho doméstico remunerado era outra esfera em que os novos cuidados com o corpo e os preceitos da moda poderiam ser assimilados. As empregadas circulavam pelos espaços íntimos e auxiliavam as donas de casa nas suas rotinas matinais, ao vestir-se e despir-se. Assim, de maneira indireta, também se familiarizavam com os novos hábitos e padrões. Por conseguinte, não apenas as imagens presentes nas revistas ilustradas e as vitrines das lojas, mas também determinadas profissões femininas colaboravam para difundir cada vez mais o conhecimento das práticas modernas. Tratava-se, entretanto, de um acesso e de um consumo indireto ou derivado, caracterizado pela precariedade.

Quando observamos a circulação das mulheres no espaço público, por meio das fotografias, percebemos que os cuidados com a apresentação existiam independentemente da classe social. Enquanto as mulheres da elite se apresentavam de modo bastante similar às ilustrações, seguindo de maneira rigorosa os padrões e as posturas da moda, as mulheres trabalhadoras recorriam a artifícios distintos. O embelezamento feito com produtos caseiros, o uso de cintos para marcar a cintura e a utilização de flores para enfeitar os cabelos eram estratégias recorrentes. Apesar disso, a ausência de água encanada para tomar banho, a falta de aparato mobiliário e de um espaço privado ou mesmo de tempo para realizar a rotina matinal prescrita nas revistas expressavam-se na aparência dessas mulheres.

Uma imagem de 1910 (Figura 6), do fotógrafo Chichico Alkmim, mostra uma família posando para um retrato. Uma mulher parda identificada como a esposa do fotógrafo (que dá a mão a uma criança que não aparece na imagem) e uma criança negra seguram o fundo que serve como paisagem para a fotografia. Enquadrados pelo painel, a mulher do centro, ao lado do marido, veste uma blusa que parece ser feita de um tecido nobre, talvez seda, com bordados no centro e na gola, uma saia aparentemente de veludo e, pela postura, silhueta e projeção dos seios, parece estar usando um espartilho *devant-droit* e um *soutien-gorge*. A senhora da direita veste trajes bastante similares, não fossem o caimento e os tecidos menos refinados. Apesar de trazer a silhueta marcada, a compressão parece ser feita apenas por um cinto, e não pelo uso de um espartilho bem estruturado e modelado ao corpo. Os seios também não parecem estar amparados por um sutiã.

FIGURA 6 - À DIREITA, SEGURANDO O FUNDO, MARIA JOSEFINA ALKMIM (MIQUITA), ESPOSA DO FOTÓGRAFO, CHICHICO ALKMIM, [CA. 1910]



Fonte: Chichico Alkmim, [ca. 1910], Diamantina (MG), Instituto Moreira Sales (RJ).

Entretanto, a expressão da desigualdade é mais gritante na imagem das crianças que compõem o quadro:

Nesta foto, rara, em que o fotógrafo se esqueceu de apagar “contornos indesejáveis” da imagem, vemos no centro a família burguesa, que utilizava a foto como forma de representação. Feita num ateliê, a cena é adornada por um painel tropical, mas carregada por duas figuras que deveriam ser “invisíveis”. Uma é a esposa do fotógrafo, que parece segurar outro filho pela mão ocupada em suspender o fundo da cena. A outra é uma “moleca”, nome que se dava às crianças que saíam da barra da saia de suas mães para viverem em famílias que, teoricamente, teriam mais condições de educá-las. Mas o resultado era muitas vezes oposto. No caso dessa foto, ela não só carrega o painel. Seu cabelo desgrenhado, sua roupa suja em muito destoam do conjunto da foto. Essas são persistências da escravidão, que continuava de certa forma presente no contexto da Primeira República (Schwarcz, 2018, p. 132).

Os meninos que posam para a foto junto dos pais têm as roupas limpas, os cabelos ajeitados e os pés calçados. Em contrapartida, a menina negra que segura o quadro de paisagem que serve de fundo para a fotografia tem os cabelos desalinhados, a roupa suja e amarrotada e os pés descalços, o que remete à condição dos grupos escravizados, que até pouco tempo antes eram proibidos de utilizar sapatos. Seria ela filha de uma empregada doméstica da família burguesa, “moleca” agregada ou empregada da família do próprio fotógrafo? As semelhanças entre ela e a menina, também negra e desalinhada, que observa uma boneca na pintura *Fascinação* (Figura 7), de 1909, do pintor Pedro Peres, saltam aos olhos como expressão das desigualdades raciais no Brasil.

FIGURA 7 - *FASCINAÇÃO*, PEDRO PERES, 1909 (ÓLEO SOBRE TELA, 35,7 X 31,2 CM)



Fonte: Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Considerações parecidas sobre as roupas e silhuetas femininas podem ser feitas se compararmos as mulheres de duas fotografias, uma de 1923 e outra de 1925 (Figuras 8 e 9). O corte dos vestidos das mulheres é similar, mas a composição geral dos detalhes, dos tecidos e das silhuetas indica que a apresentação pública da dupla retratada na imagem de 1925 é mais sofisticada. Essa sofisticação se dá pela qualidade dos artefatos que elas consomem: roupas, espartilhos e, possivelmente, cosméticos e espelhos.

Se a difusão dos novos padrões de beleza e das práticas corporais ocorre pelo contato com os artefatos, o sucesso dessa empreitada está diretamente relacionado a aspectos quantitativos e qualitativos dessa interação. Não basta possuir um pequeno espelho ou um espartilho, é preciso ter tempo disponível para apreciar a própria imagem e verificar quais modelos de roupas íntimas se adequam ao corpo e às mudanças da moda. Assim, a imagem da mulher que está com o corpo desajustado é também o retrato de cuidados precários com um corpo do qual não se é íntima.

FIGURA 8 - FAMÍLIA BENIGNO CORREA, ANÔNIMO, 1923



Fonte: Anônimo, 1923, São Paulo, Instituto Moreira Sales (RJ).

FIGURA 9 - BETI E AMIGA, ANÔNIMO, [CA. 1925]



Fonte: Anônimo, [ca. 1925], Rio de Janeiro, Instituto Moreira Sales (RJ).

### O corpo classificado

A variedade de preços e modelos de espartilhos esteve relacionada à criação de esquemas de classificação, o que permitiu que as empresas desenvolvessem linhas de produtos padronizados, de modo a organizar suas vendas. Na década de 1920, a empresa norte-americana Bon Ton, que, no Brasil, vendia seus produtos na casa Sloper, incentivava suas clientes a refletir sobre as particularidades de seus corpos a partir de perguntas como “qual o seu tipo?”. No caso da Bon Ton, a criação de um esquema com nove “tipologias” tornou possível, pela primeira vez, o controle científico do caimento dos espartilhos, do estoque, do inventário, do giro de mercadorias e dos lucros (Fields, 2007, p. 66). Entretanto, como explica Fields,

um elemento não declarado, mas crítico, desse plano foi persuadir as mulheres a se identificarem com essas tipologias. Uma vez que uma mulher se identificava em termos de “seu tipo”, ela compraria mais prontamente o espartilho considerado apropriado, ou até necessário, para seu corpo (Fields, 2007, p. 66)<sup>18</sup>.

Desse modo, os esquemas de classificação do corpo feminino de acordo com os modelos de espartilhos (Figuras 10 e 11) induziram as mulheres a incorporar, de modo bastante peculiar, os princípios da medição científica como algo natural, que conformava sua própria identidade. Além disso, esse esquema de classificação encorajava as mulheres a pensarem sobre si mesmas em termos de defeitos e de correção de problemas corporais. Não é por acaso que hoje, em uma loja de roupas, dizemos para a vendedora “eu sou P” ou “meu tamanho é M”, ou que, em contrapartida, sejamos identificadas pelas vendedoras, assim que entramos no estabelecimento, a partir desses tamanhos-padrão.

FIGURA 10 – ESPARTILHOS DA CASA SLOPER

**Casa Sloper**

**COLLETES**

DE  
Fabricação Norte-Americana  
garantida

**Modelo 060**  
Elegante modelo para senhoras de figura regular. Busta mediana. Frente recortada. Muito justa. Composto de cadenas. 6 ligas. Em corall branco. Tamanho: 46 a 76 cms. Preço: 28\$000

**Modelo 081**  
Elegante modelo para senhoras de figura regular. Busta baixa. Composto em toda a volta. 6 ligas. Em corall branco. Tamanho: 46 a 76 cms. Preço: 25\$000

**Modelo 082**  
Modelo extremamente elegante para senhoras de figura regular. Especialmente confeccionado para conservar as CADERAS LIVRES. Busta baixa. Composto de cadenas e alças. Sem ligas. Corall branco. Tamanho: 46 a 76 cms. Preço: 28\$000

**Modelo 818**  
Collete de notavel elegancia e "chic" para senhoras de figura regular. Busta baixa. Composto de cadenas e alças. Frente recortada. 6 ligas. Corall branco de qualidade superior. Tamanho: de 46 a 76 cms. Preço: 25\$000

**Modelo 924**  
Modelo distincto e elegante para senhoras de figura regular. Busta baixa. Composto de cadenas e alças. Frente recortada. De bronzado em corall, rosa, ou azul. 6 ligas. Tamanho: 50 a 70 cms. Preço: 35\$000

Os nossos colletes  
Inoxydaveis são a  
base da elegancia  
feminina

Rua do Ouvidor, 187-189  
RIO DE JANEIRO

Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 11, 25 abr. 1914.

Nota: Os espartilhos da Casa Sloper eram divulgados em tamanhos de 46 a 76 cm. É possível que essas medidas se relacionem ao comprimento do espartilho com as ligas elásticas.

<sup>18</sup> Tradução nossa para: “an unstated but critical element of this plan was persuading women to identify with figure types. Once a woman identify herself in terms of “her” type, she would more readily buy the corset deemed appropriate, if not necessary, for her body”.

FIGURA 11 - CLASSIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO SEGUNDO MODELOS DE ESPARTILHOS

**PARC ROYAL**

Nova serie de colletes fabricados nas nossas oficinas --- Modelos americanos



040 Collete de bello tecido broché, 4 ligas, tendas de boa qualidade, modelo de irreprehensivel elegancia. Rosa, azul e branco. Preço . . . 10\$000

050 Collete de fino tecido broché ou brim espinha, 4 ligas, rendas finas, dando ao corpo uma linha muito elegante. Rosa, azul e branco. Preço . . . 12\$500

060 Collete de magnifico tecido broché ou brim espinha, 4 ligas, rendas finas, corte no rigor da moda, muito confortavel. Rosa, azul e branco. Preço . . . 15\$000

070 Collete de esplendido tecido broché mercerizado ou brim liso assetinado, 4 ligas, rendas imitação valenciannas, modelo de corte muito justo e muito commodo. Rosa, azul e branco. Preço . . . 17\$500

080 Collete de superior tecido broché mercerizado ou brim liso assetinado, 4 ligas, rendas superiores, dando ao busto uma forma muito graciosa. Rosa, azul e branco. Preço . . . 20\$000

090 Collete de lindo tecido "peau de serpent", baleia de 1ª escolha, rendas finas, 6 ligas, modelo primorosamente cuidado. Rosa, azul, branco, gris e beije. Preço . . . 22\$500

No nosso atelier de colletes sob medida, dirigido por uma habil parisiense, executamos qualquer modelo, tendo sempre em vista a elegancia, a hygiene, o conforto, a commodidade, a barateza, a qualidade. Colletes sob medida, com prova, desde 30\$000.

Fonte: *Careta*, Rio de Janeiro, n. 209, 1 jun. 1912.

No final do século XIX, a silhueta da moda (Figura 12) era alcançada não apenas pelo uso do espartilho em formato de ampulheta, mas também se amparava nas diversas camadas de roupas que modelavam o corpo (as saias eram mais amplas e as mangas bufantes davam mais volume para o torso, criando a sensação de uma cintura ainda mais fina). Nos anos 1910 e, em especial, na década de 1920 (Figura 13), as roupas eram menos elaboradas e mais leves, o que fez com que o espartilho, a cinta e o sutiã assumissem todo o fardo de modelar o corpo de acordo com os padrões do período, que preconizavam linhas mais retas e fluidas. Desse modo, a identificação de tipos corporais e de defeitos coincide com o momento em que o corpo feminino ficou mais exposto, com menos camadas de roupas.

A maior liberdade que a mulher alcançou nos anos 1920 foi atenuada pela internalização da ideia de imperfeição e pela necessidade de se manter em espartilhos (supostamente mais modernos e flexíveis) para corrigir os defeitos físicos. Assim, o sistema de classificação incentivava as mulheres a continuar comprando espartilhos, cintas e sutiãs, ao mesmo tempo que gerava uma sensação de individualização da experiência de consumo.

Nos anos 1930, a experiência com as tipologias do corpo levou a um dos desenvolvimentos mais significativos da indústria de *lingerie* nos Estados Unidos: a criação de tamanhos de sutiã em copas (tipo A, B, C e D). A familiaridade feminina com o sistema de classificação fez com que a padronização por tamanhos fosse facilmente aceita e incorporada pelas consumidoras.

FIGURA 12 - SILHUETAS DA MODA



Fonte: *A Estação*, Rio de Janeiro, n. 10, 31 maio 1897.

FIGURA 13 - SILHUETA NOS ANOS 1920



Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 4, 17 jan. 1925.

Para Fields, a identificação feminina com as tipologias geradas pela padronização em tamanhos promoveu o que Adorno chamou de *pseudoindividualização*, pois o controle sobre os corpos se esconderia na sua própria manifestação, criando uma ilusão de individualidade por meio de uma suposta liberdade de escolha (Fields, 2007, p. 101-102). Desse modo, o espartilho e o sutiã foram os primeiros itens do vestuário usados como forma de educar as mulheres consumidoras sobre as tipologias do corpo, e, simultaneamente, individualizar e padronizar o consumo. Por meio desse processo, a identificação feminina com um tamanho seria incorporada como um elemento constituinte da sua subjetividade, junto do esforço de adequar o corpo às medidas oferecidas pelo mercado.

De modo similar, poderíamos falar em uma *pseudointimidade*, característica de uma sociedade de massas, na qual as práticas individuais, supostamente privadas e ligadas a uma essência interior, são criadas e difundidas pela grande imprensa e pelo acesso a objetos produzidos em larga escala. O esquema de classificação e a identificação feminina em termos de defeito objetificavam e alienavam o corpo feminino de novas maneiras, sujeitando-o ao escrutínio e à disciplina da racionalização científica.

As vendedoras foram agentes importantes na regulamentação do corpo por meio do uso do espartilho e da criação de estratégias para vender mais peças. O medo da queda nas vendas direcionou para um público cada vez mais jovem o sistema de classificação e a modernização dos modelos, difundindo a noção de que, mesmo para mulheres mais novas, os espartilhos (ou as cintas e os sutiãs) continuavam fundamentais (FIELDS, op. cit., p. 74).

A cinta, classificada como um novo tipo de espartilho, mais curto e circunscrito ao abdômen, era difundida como um dos grandes avanços do ramo da espartilharia. Um dos primeiros anúncios, de 1913, incentivava as consumidoras a experimentar a novidade:

As nossas distintas e gentis leitoras recommendamos como medida de extrema comodidade e absoluta elegancia o uso do Espartilho-Cinta do “Dr. Glénard”. Este Espartilho-Cinta, de forma muito especial é confeccionado debaixo das mais rigorosas prescripções medicas [...]. O uso do Espartilho-Cinta é também recomendado para exercicio de “Sport” [...]. A “Aguia de ouro” [...] já vendeu para mais de 300 delles, sem que para isso tivesse feito reclamo, e todas as senhoras que tem usado são unanimes em proclamar-lhes as grandes vantagens (Caretta, 1913).

Em sintonia com o desenvolvimento da medicina, os discursos científicistas e as preocupações com a saúde da mulher, a cinta era associada à maior flexibilização. De fato, a criação de duas peças separadas para a modelagem do corpo, isto é, a combinação entre sutiã e cinta, oferecia maior flexibilidade para o tronco; a mulher poderia se curvar para frente e para trás com maior facilidade, sofrendo menos restrições à mobilidade das pernas.

### Considerações finais

A difusão e a expansão das práticas esportivas e a demanda por movimento e agilidade contribuíram de maneira decisiva para a progressiva adoção das cintas, já que ainda era inconcebível que a mulher andasse com o ventre livre. Porém, a introdução das cintas e dos sutiãs não significou o declínio do espartilho, mas sua adaptação. A produção dessas peças para moças jovens foi uma estratégia para manter as mulheres consumindo roupas íntimas de sustentação, que modelavam seus corpos de acordo com suas características “particulares” e com padrões e exigências da moda.

Assim, as transformações no uso do espartilho e a adoção de cintas e sutiãs implicaram um longo processo de articulação entre padronização e individualização do corpo feminino. Esse aparente paradoxo se adequava, *vis-à-vis*, aos ajustes da produção e do consumo dessas peças, que, inseridas na dinâmica do capitalismo industrial, vendiam milhões de produtos “feitos especialmente para você”. Nessa interação, não apenas a sociedade de massas ganhava contornos definidos, mas a própria noção de intimidade burguesa se conformava por meio de silhuetas femininas múltiplas e uniformes.

A partir dos anos 1920, o impulso para o abandono de roupas íntimas que modelassem e sustentassem o corpo não significou a libertação corporal: a necessidade de corrigir defeitos e conformar o corpo de acordo com o “gosto contemporâneo” não se alterou. Na verdade, intensificou-se.

O sucesso das estratégias de classificação, a identificação de defeitos, a contínua preocupação feminina com se conformar a noções particulares de beleza no que diz respeito ao formato e ao tamanho do corpo fizeram com que a busca por adequação fosse tão bem-aceita e internalizada que dispensasse o uso de um objeto, o espartilho – ou, para ser mais exato, que tornasse o corpo o próprio objeto de conformação, um espartilho de músculos. Essa ideia apareceu pela primeira vez em 1913, em um anúncio publicitário das “Pilules

Apollo”, que fariam “perder 20 kilos de gordura no espaço de 26 dias”, substituindo a “gordura perigosa” por “um ductil espartilho de músculos” (REVISTA DA SEMANA,1913).

Assim, no final do século XX, o interesse por programas e remédios para dieta, a predisposição feminina para se submeter a cirurgias de lipoaspiração para reduzir abdômen e quadril e a sobrevivência de cintas e modeladores corporais demonstram que o debate sobre o uso do espartilho não se concluiu por completo e se faz presente até os dias de hoje.

## Referências

BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade** (1914-1940). São Paulo: Edusp, 1999.

BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade**: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Editora Senac, 2007.

BRITO, Fausto. Dossiê migração: o deslocamento da população brasileira para as metrópoles. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Cultura material, espaço doméstico e musealização. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 27, n. 46, p. 443-469, 2011.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**. São Paulo: Edusp, 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p 115-148.

FIELDS, Jill. **An intimate affair: women, lingerie, and sexuality**. California: University of California Press, 2007.

LOBATO, Nathalia. **Estylo chic a preços módicos?** Gostos e públicos da loja Mappin Stores em São Paulo, 1913-1920. 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **O objeto material como documento**. 1980. p. 1-11. Reprodução de aula ministrada no curso Patrimônio cultural: políticas e perspectivas, organizado pelo IAB/Condephaat.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

SANT'ANNA, Denise. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 36-37.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo**: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e sociedade. In: \_\_\_\_ (org.). **A Abertura para o Mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a. v. III, p. 35-83.

SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Flávio. **Dicionário da escravidão e da liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

STEELE, Valerie. **The corset**: a cultural history. New Haven: Yale University Press, 2011.

## Fontes

A ESTAÇÃO. Rio de Janeiro, n. 20, out. 1889.

A ESTAÇÃO. Rio de Janeiro, n. 1, jan. 1896;

BARONEZA STAFFE. Conselhos às mulheres. *A Estação*, Rio de Janeiro, n. 9, maio 1898, p. 49.

REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, n. 136, 21 dez. 1902.

REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, n. 366, 19 maio 1907;

REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, n. 403, 2 fev. 1908;

REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, n. 698, 27 set. 1913

O MALHO. Rio de Janeiro, n. 326, dez. 1908.

FON-FON. Rio de Janeiro, n. 3, jan. 1911.

O MALHO. Rio de Janeiro, n. 460, 8 jul. 1911.

CARETA. Rio de Janeiro, n. 260, maio 1913;

PALENCIA, Isabel de. O século do uniforme. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 5, 21 jan. 1928.

#### Dados do revisor

Cia. Entrelinhas (<https://www.entrelinhascia.com.br>; [entrelinhascia@gmail.com](mailto:entrelinhascia@gmail.com))